

FESTA DE IEMANJÁ EM FORTALEZA: PERSPECTIVAS PARA O PATRIMÔNIO IMATERIAL.

Madelyne dos Santos Barbosa - UFC
madedossantos@hotmail.com

Éden dos Santos Barbosa - UFC
barbosa.eden@gmail.com

José Gerardo Vasconcelos- UFC
Professor da Faculdade de Educação – FAGED/UFC
gerardo.vasconcelos@bol.com.br

RESUMO

O presente estudo apresenta uma das mais tradicionais manifestações populares da cidade. Direcionando olhares à Festa de Iemanjá de Fortaleza, que segundo fontes históricas acontece desde a década de 1950 na Praia do Futuro, buscamos traçar um estudo sobre a Festa de Iemanjá na cidade de Fortaleza refletindo sobre seu valor social e simbólico, sobretudo pensando na luta que os povos e comunidades de terreiro têm enfrentado para garantir seu direito de existência e resistência na história da cidade. Discutiremos assim os aspectos da religiosidade Afro Brasileira, a importância dos processos de Patrimônio Imaterial e sua relevância política e simbólica nas relações sociais da cidade. O trabalho consiste, pois, em uma pesquisa a respeito da história desta festa, suas peculiaridades e de quais processos e caminhos seus fiéis percorrem para o futuro tombamento desta festa pública enquanto patrimônio imaterial do município, indo além da sua significância para seus adeptos mas como espaço de diálogo inter-religioso e de visibilidade social. Tendo como metodologia entrevistas oral e diário de campo. Concluímos que este estudo é inicial pois analisa parte deste percursos histórico e as tensões sociais que envolvem a realização da festa de Iemanjá em Fortaleza a cada 15 de agosto.

Palavras-chave: Festa de Iemanjá; Patrimônio Imaterial; Culto Afro-brasileiro.

Considerações iniciais

O presente artigo tem como principal finalidade a problematização do valor social e simbólico da festa de Iemanjá¹ na cidade de Fortaleza. Percebendo as transformações ocorridas com o passar dos anos até se firmar como uma das festas religiosas pública de grande aglomeração popular. Refletindo ainda sobre os anseios de sua comunidade religiosa em tornar o evento religioso em patrimônio imaterial do município.

De forma que tal festa não é restrita somente para a comunidade religiosa dos cultos afro na cidade, transcendendo a dinâmica de festa popular, para além da esfera religiosa, aglutinando curiosos, transeuntes, adeptos e não-adeptos ao longo de mais de 50 anos na faixa de litorânea das praias de Iracema e do Futuro.

¹ Segundo os mitos Iorubás *Yemanjá* é filha de *Olokun*, a deusa do mar. A rainha das águas, que tem filhos no mundo inteiro. Ver Verger, Pierre. *Lendas Africanas dos Orixás* (1997)

Historicamente a festa reúne uma multidão na faixa de praia, onde várias manifestações religiosas; individuais e coletivas ocorrem em caráter simultâneo. Importante constatar que outras manifestações similares na cidade já passaram pelo processo de tombamento imaterial municipal: vide a festa de São Pedro dos Pescadores² e Caminhada com Maria. Para isso elencamos neste artigo algumas propriedades e notas da Festa de Iemanjá e através disto também, caracterizando-a enquanto um patrimônio imaterial³ da cidade por ser uma manifestação multicultural de várias religiosidades, culturas e etnias.

Fazendo uso da pesquisa qualitativa, estivemos nos dois dias de festa nos locais de pesquisa: na noite do dia 14 de agosto de 2016 na Praia do Futuro e no dia 15 de agosto de 2016 na Praia de Iracema. Nesses dias foram entrevistados 16 líderes religiosos, fizemos uso ainda de registros em vídeos, construção de narrativas imagéticas através das fotografias e das cadernetas de campo.

Com o intuito de organizarmos a discussão deste artigo, iniciaremos as discussões sobre os aspectos históricos da Festa de Iemanjá em Fortaleza, em seguida conceituaremos Festa, Religiosidade, Umbanda, Candomblé, e na sequência faremos um levantamento dos anseios e necessidades apontadas pelos povos que da Festa participam. Por fim, discutiremos sobre as iniciativas desenvolvidas pela cidade que legitimam a festa enquanto patrimônio da cultura de Fortaleza, bem como ações de enfrentamento do preconceito e da discriminação religiosa.

Deuses que dançam: a presença dos cultos afro em fortaleza

Para que a compreensão do que se propõe esse artigo flua da melhor forma, acreditamos que seja de extrema importância elencarmos as definições sociais, religiosas e históricas dos Povos e Comunidades de terreiro⁴ presentes em Fortaleza. Ao passo que, vamos

² A Festa de São Pedro dos Pescadores, a igreja que leva o nome da festa e o seu entorno representam, juntos, o primeiro bem imaterial registrado de Fortaleza. O registro, proposto e legitimado pelo Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural (Comphic), com base na Lei Nº 9.347/2008, reconhece e protege a vivência coletiva do trabalho, a religiosidade, o entretenimento, as artes e diversas outras práticas sócio-culturais intangíveis e de valor inestimável.

³ O conceito de Patrimônio Imaterial significa fortalecer e dar visibilidade as referências culturais dos grupos sociais em sua heterogeneidade e complexidade. Tal ação ganha força no decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial além de outras providências.

⁴ Povos e comunidades tradicionais são definidos como "grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição".

relatar de forma inicial como os ritos se originam, como se organizaram e como vêm ocorrendo na cidade em suas multiplicidades e peculiaridades.

Para compreender a Festa de Iemanjá como evento; histórico, social e cultural, se faz necessária uma explanação sobre a origem das formas religiosas que acontecem na cidade como o Catimbó, a Umbanda e o Candomblé, sendo estes alguns dos cultos religiosos de matriz afro que possuem maior expressão na cidade.

No dia 15 de agosto, Dia de Iemanjá em Fortaleza, tais religiosidades ganham visibilidade única. Uma manifestação religiosa coletiva onde o sagrado se apresenta de forma pública para a comunidade de forma multifacetada e sincrônica.

Nos primeiros estudos sobre os africanos no Brasil temos Edson Carneiro (1948, p. 15), que relata em Candomblés da Bahia sobre a chegada das primeiras levas de povos negros, estes predominantemente de origem Bantu: “Angola foi: desde os primeiros anos do Século XVII, a grande praça de escravos do Brasil”.

Com a crescente demanda de trabalhadores, foi-se povoando o então recente Brasil, marcando regiões com vários traços étnicos africanos. O Brasil, com suas enormes dimensões, teve um povoamento de nações africanas bem diversificado em várias regiões; algumas apresentando traços mais fortes de etnias, bantos presentes mais do que sudaneses em uma região que outras. Quem trata disso é Lopes⁵ (2005, p. 226) no livro *Kitábu - O Livro do Saber e do Espírito Negro-africanos*:

Para o Brasil, o tráfico de escravos africanos trouxe, principalmente, trabalhadores bantos, do centro-oeste, e do leste africanos, e sudaneses, da África Ocidental. Tanto uns quanto outros foram distribuídos, durante a Colônia e o Império, por quase todo o território brasileiro. Sua mão-de-obra foi atraída pelos grandes pólos irradiadores dos sucessivos ciclos econômicos. Entretanto, algumas regiões ficaram mais sensivelmente marcadas por traços culturais específicos, como é o caso da presença daomeana no Maranhão; da congo-angolana em parte do nordeste e em todo o sudeste; e da jeje-iorubana na capital da Bahia.

São estas etnias, principalmente, que compõem o mosaico afro-religioso único no Brasil, uma religião de matriz africana, mas de religiosidade brasileira: uma religião que fundamenta sua fé em divindades manifestadas nas forças da natureza, e que faz uso desta em seus ritos sob forma de plantas, árvores, matas e na união natural destes elementos nesta natureza em seu estado mais intocado e ancestral como nas nascentes d'água ou rios de água corrente, e no caso da Festa de Iemanjá: o mar.

⁵ Este livro é uma excelente fonte sobre os aspectos gerais das etnias e culturas africanas que vieram para o Brasil. Analisando outras nuances e características que ampliam a percepção sobre a construção multicultural brasileira.

Por isso a festa de Iemanjá encontra em seu fundamento maior o encontro com as águas sagradas do mar, o oceano atlântico por onde vieram as dezenas de nações e reinos africanos, esse religare da Festa de Iemanjá é o culto a um espaço sagrado que sempre fez parte dos ritos e representações dos povos ao redor do mundo, em sua diversidade de processos e situações. Relações que vão além de conceituações religiosas, pois estão relacionadas à própria formação da sociedade.

Outro fator que muito contribuiu na formação desta nova identidade religiosa africana foi a presença do índio. Os povos nativos do Brasil, com a diversidade das nações indígenas, logo se identificaram com as nações africanas que vinham chegando. Assim, essa resistência também teve essa mútua colaboração. Assim foi formado o amálgama de costumes, crenças, fundamentos religiosos e trocas sobre o conhecimento à natureza, um ponto relevante e comum entre os dois povos.

Dentre as estratégias de sobrevivência aos maus tratos, escravidão, violência e choques culturais em terras brasileiras, a religião assumiu caráter por demais dinâmico e redentor. Os negros, na Bahia, reorganizam seu culto que inicialmente foi chamado de Calundús⁶. Organizado em comunidades religiosas, fim de não serem violentados ou reprimidos, reconstroem os fragmentos de suas religiosidades africanas em solo brasileiro sob novas formas e outras instituições religiosas.

Estas instituições inicialmente tiveram forte ligação com irmandades católicas e contavam com batuques e cânticos, que eram aceitos pelos opressores da época. Foi por meio da múltipla contribuição de vários líderes africanos de variadas etnias que assim foi se consolidando a formação do Povo de Santo⁷ no Brasil.

Desse modo, com muita frequência, as irmandades encobriram práticas que não se ajustavam aos cânones e regras da teologia católica: os calundus. As redes sociais dos negros que se articulavam nas irmandades católicas eram provavelmente as mesmas que podiam garantir a organização de batuques e outras práticas religiosas que aos olhos dos africanos possuíam tanta eficácia – e para alguns até mais – quanto a devoção aos santos católicos. (PARÉS, 2006, p.111).

É através da resistência cultural e da sobrevivência religiosa que se iniciam no Brasil os cultos de matrizes africanas. Muitas destas etnias até dado momento não tinha contato físico específico: outras eram rivais entre si em solo africano. Neste intuito de sobrevivência,

⁶ Os primeiros Calundus caracterizavam-se como cultos na mata, Ver PARÉS (2006).

⁷ “[...] o que hoje chamamos povo-de-santo, é resultado do processo de reconstrução de novas instituições religiosas por essa pluralidade de fragmentos culturais.” Ver em PARÉS, Luis Nicolau p. 109, (2006).

houve uma reunião de povos africanos em solo brasileiro. A maior desta contribuição foi a organização dos vários cultos que aqui ganharam ares e novos ritos, fruto das múltiplas adaptações. Dentre estes cultos, um novo rito ganhou maior força e consistência pela sua organização e estrutura, tornando-se conhecido como Candomblé⁸.

Assim temos consolidada a figura mítica de Iemanjá⁹: orixá africano que chega ao Brasil e tem seu culto ressignificado, sincretizado e absorvido por um grupo social e étnico bem mais amplo ganhando múltiplos imaginários, múltiplas territorialidades, múltiplos devires.

Festa de Iemanjá e o desejo do tombamento.

Se passearmos os olhos sob Festa de Iemanjá de Fortaleza, certamente o que mais chamará a atenção será a exuberância estética, que se dá pelo vistoso colorido das vestes com predominância nos tons de cores azul e verde, cores de Iemanjá e de seu mar sagrado, e da rica ornamentação de fios de contas, vasos com flores, oferendas de frutas e outras comidas, os adornos em formato de faixas na cabeça em torsos de diversas formas.

A intervenção enquanto rito ocorre de várias formas: algumas pessoas se direcionam para a faixa de praia, entram no mar com água até a cintura, lavam a cabeça e saúdam Iemanjá: Odô iá! Eru iá! Salve Janaína! Mãe Sereia! Bença minha mãe! Fecham os olhos e meditam nas águas. O apogeu da festa são os transes: em alguns suave e rápido, noutros uma catarse antecedida por espasmos. Curiosos próximos a tudo isto sentem vertigens, senhoras de idade vão ao mar sozinhas chorando com suas lágrimas derramadas ao mar, num encontro de águas salgadas.

A festa é o mote para tornar a faixa de praia, a de Iracema e a do Futuro, em um “caldeirão” religioso multicultural. Percebemos a Festa de Iemanjá como uma celebração plural, onde temos o encontro único de fiéis de Jurema, Catimbó, Terecô, Umbanda e Candomblé com a população em geral num diálogo inter-religioso sinestésico. É riquíssima a diversidade de pessoas que transitam na faixa de areia neste dia num potente encontro de classes e comportamentos sociais que se consolida há mais de 50 anos na cidade.

⁸A palavra “Candomblé” tem semelhanças com a palavra Bantu, *candombe*, traduzido como dança, batuque. Uma referência às brincadeiras, festas, reuniões, festividades profanas e também divinas dos negros [...] (Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã, organização Marcelo Barros. Org. Pagina 29. 2009).

⁹ Iemanjá na África é uma Iabá, divindade feminina ligada a rios de água doce. O orixá correspondente ao mar seria Olokun. Ver em VERGER (1997)

A festa religiosa representa narrativas de mitos, consonante com vários ritos num espaço público que ganha nesta data um caráter espiritual coletivo de múltiplas performances.

A religião era o núcleo firme da convivência, foi ela que impregnou todas as manifestações da vida social. As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais, dos engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e profano andavam unidos e juntos. As procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir. (WERNET, 1987. p. 24-25).

No tocante a dinâmica da festa, os adeptos realizam vários ritos: uns demarcam uma faixa de praia cavando vários buracos, protegendo as velas acesas para não apagar e onde são depositadas oferendas específicas, outros se agrupam em círculos fincam tambores na areia e dão início a giras, que são rituais específicos da Umbanda de invocação das entidades em suas mais variadas formas e sincretismos.

Iemanjá é um ícone que leva em si formas diversas, mítica e negra, de seios volumosos e cauda de peixe, mãe dos candomblés iorubás ou uma senhora branca de aura maternal vestida com longo manto, cultuada sincreticamente nos dias das santas padroeiras das capitais e cidades costeiras conforme liturgia da Umbanda.

Sobre a festa de Iemanjá em Fortaleza, o pesquisador cearense Ismael Pordeus Jr. nos trouxe:

Olhando a festa de Iemanjá, parece um fenômeno excepcional. Por um lado, é uma instituição social legítima no interior de um espaço e de um tempo, e, por outro, experiência social de negação institucional em que são liberadas fantasias individuais em busca daquilo que transcende o cotidiano, o numinoso, uma experiência interiorizada. É importante reconhecer-se, então, a festa como fenômeno único alimentado por uma intenção religiosa do homem que extrai de si mesmo forças para vencer embargos da vida cotidiana, do trabalho mal pago, numa cidade onde as diferenças sociais são abissais. (PORDEUS, 2011, P. 95).

Uma das mais fortes expressões da Festa de Iemanjá são os toques e as danças. Ao passo que, os Batuques hoje dançados por todo o Brasil têm suas raízes nestes ritmos: negros e religiosos. A dança e religiosidade que os negros promoviam nos engenhos e garimpos, durante o flagelo da escravidão, foram os poucos momentos de lazer de que dispunham. Os batuques marcam a presença da cultura africana, sua afirmação na sociedade e a resistência deste patrimônio imaterial.

Historicamente, a Festa de Iemanjá de Fortaleza se origina com rito de Umbanda, na figura de Mãe Júlia, que teve o primeiro terreiro registrado na polícia, numa época em que o

culto era perseguido, e que atribui a si o início da festa na praia, conforme o relato na entrevista concedida e publicada pelo pesquisador Ismael Pordeus (2011) na obra *Umbanda: Ceará em transe*.

E quando era 15 de agosto ia com meus amigos, ia cantar, aí levava flores, perfumes, champagne para ela, e tal, fazia aquela mesinha e botava tudo aquilo, viu, pra ela [...] Agora quando eu comecei a fazer as festas levando Iemanjá, era tanta gente, tanta gente, ia até freira pra ver como era, como não era, viu, eu levava a turma toda, os meninos, esse povo curioso, né, e eu tudo bem e de forma que aí foi chegando o tempo, o pessoal vendo e tal e teve uma ocasião que eu acabei de falar pela TV, o bispo entrou também falando... Ora se parecia que tava... Nossa Senhora da Glória que é a padroeira daqui né, pra nós é da N.S. Glória e é a N. S. Assunção, parece que tava esquecida, não falar de procissão nem nada e eu fazia a minha, né? (PORDEUS, 2011, p. 113).

Mãe Júlia em seu depoimento a cima, nos relatou sobre seu trajeto de fé e deslocamento da periferia onde residia até a orla marítima da cidade, citando também os espaços midiáticos e o diálogo entre a celebração umbandista e a festa católica que acontece na mesma data.

Portanto, a cidade de Fortaleza fica sendo numa mesma data palco de dois eventos religiosos distintos e semelhantes em si. A festa de Iemanjá e a Caminhada com Maria.

A caminhada com Maria é uma procissão que acontece há 14 anos e tem itinerário no mesmo dia da Festa de Iemanjá, são 12,5 km feitos pelos fiéis que saem do Santuário de Nossa Senhora da Assunção localizado no bairro de Vila Velha na Barra do Ceará até a Catedral Metropolitana de Fortaleza localizada no centro da cidade. Esta procissão leva uma multidão que entre orações e cânticos louvam a imagem de Maria, mãe de Deus. Ao longo de seus 14 anos de existência, esta procissão já é assegurada na lei do patrimônio cultural imaterial do Brasil, a lei nº 13.130 de 3 de junho de 2015¹⁰. Realizando-se no dia 15 de agosto de cada ano com ampla estrutura, patrocínio e segurança.

A maioria dos adeptos que se direcionam à Festa de Iemanjá saem da periferia em ônibus fretados especialmente para a ocasião, os terreiros se agrupam na faixa da praia em horários distintos, uns pela noite na véspera da festa, outros antes do nascer do sol e a maioria durante todo o dia 15 de agosto.

Na Festa de Iemanjá, fica nítida a percepção de que a falta de compreensão, a violação de direitos humanos, o preconceito e discriminação tão comuns aos adeptos dos cultos afro de Fortaleza, que ocorrem ao longo do ano, encontram, neste momento único, compreensão e

¹⁰ Lei nº 13.130 de 3 de Junho de 2015. Declara a Caminhada com Maria, realizada no dia 15 de agosto de cada ano, do Santuário de Nossa Senhora da Assunção na Barra do Ceará até a Catedral Metropolitana de Fortaleza, Estado do Ceará, patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

visibilidade. Neste dia não ocorre apenas um encontro sagrado de um grupo religioso, a multidão em sua forma heterogênea desperta representações diversas.

Na madrugada do dia 14 de agosto na Praia do Futuro entrevistamos Tecla Sá de Oliveira, adepta da umbanda e Vice-presidente da União Espírita Cearense de Umbanda (UECUM) e em seu depoimento evidencia o diálogo entre as duas figuras femininas: Iemanjá e Maria, e o anseio de ter o tombamento municipal da festa de Iemanjá.

É porque iemanjá é mãe de todos os orixás, então pra nós umbandistas é a data máxima que é feita no dia 15 de agosto que é o dia de Nossa Senhora da Assunção. Há um sincretismo religioso desde a época dos anos 1940 devido a intolerância religiosa, que hoje ainda existe. Mas não cem por cento como era naquela época, a festa já consta no calendário de Fortaleza e já foi pedido o registro e esse ano se deus quiser vai ter o tombamento da festa de iemanjá como patrimônio de fortaleza, futuramente como estadual e nacional também. (OLIVEIRA, 2016)¹¹

Assim, o universo da Festa de Iemanjá transgrede a ordem social e a forma de ocupação dos espaços urbanos: a intervenção dos adeptos, com seus trajes, costumes e atitudes revelam corpos que subvertem os conceitos cristãos vigentes. Num cronograma de legitimações das minorias sociais e suas questões de identidade, gênero, classe social, etnia e cultura.

Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos traçar um estudo sobre a Festa de Iemanjá na cidade de Fortaleza refletindo sobre seu valor social e simbólico, sobretudo pensando na luta que os povos e comunidades de Terreiro têm enfrentado para garantir seu direito de existência e resistência na história da cidade.

A força e resistência da Festa de Iemanjá estão no fato de que esta ocorre há mais de 50 anos, por conta de seus fiéis que se organizam em associações e ONG's e assim realizam parcerias pontuais para seu acontecimento, mesmo na ausência de uma lei que ampare a festa, e sem políticas públicas que assegurem uma infraestrutura mínima para que ocorra.

Assim, neste artigo, provemos informações que estão para além das discussões que se apresentarão na academia e sociedade em geral, mas que servirá para ampliar as referências

¹¹ Entrevista cedida por Tecla Sá de Oliveira (2016) na Festa de Iemanjá 2016. Todas as transcrições de entrevistas orais que foram captadas na Festa de Iemanjá de 2016 serão aqui normatizadas de forma simplificada, contendo autor e ano. Posteriormente publicaremos transcrições completas em anexo conforme ABNT em futuros artigos completos e dissertações.

de outros estudos, que estimulem outros estudos e publicações. E que municiem de subsídio para a construção de laudo técnico para futuros processos de tombamentos imateriais.

Partindo do pressuposto da existência do decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. O qual institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, e cria o Programa Nacional do Patrimônio. E que em nossa cidade para que as manifestações religiosas afro-brasileiras tenham seus direitos de segurança e espaços públicos sob salvaguarda precisem de fato do amparo legal, o tombamento da Festa de Iemanjá enquanto patrimônio imaterial representa não somente a existência da festa, mas a garantia da preservação das histórias e tradições de um povo.

Assim, o presente estudo aponta de forma contundente que a Festa de Iemanjá é uma das celebrações religiosa de maior representatividade e visibilidade de Fortaleza, se apresentando enquanto janela da etnia e religiosidade afro-brasileira na cidade. Sendo ainda faceta para a luta contra o preconceito e a discriminação a nível cultural, social e político.

Referências Bibliográficas

BASTIDE, Roger. O candomblé da Bahia: Rito Nagô. Editora: Nacional/Brasília/INL. 2º edição. São Paulo. 1978.

BIRMAN, Patricia. O que é umbanda. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C; PASSERON, J. C. A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 1999.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989. 535p.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazer a melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.p.34-41.

PORDEUS JR, Ismael. Umbanda: Ceará em transe. Fortaleza: Museu do Ceará. 2011.

VERGER, Pierre. Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador, Brasil: Editora Corrupio Comércio, 2002.

_____. Lendas Africanas dos Orixás. Salvador, Brasil: Editora Corrupio Comércio, 1997.

WERNET, A. A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987. p. 24-25.